

UCAM – UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
ELIANA DOS SANTOS TINÉ

ENCONTROS E MARATONAS DE DESENHO NO BRASIL

GOIÂNIA – GO
2015

UCAM – UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
ELIANA DOS SANTOS TINÉ

ENCONTROS E MARATONAS DE DESENHO NO BRASIL

Artigo Científico Apresentado à Universidade Candido Mendes – UCAM, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes – técnicas e procedimentos.

GOIÂNIA – GO
2015

ENCONTROS E MARATONAS DE DESENHO NO BRASIL

Eliana dos Santos Tiné¹

RESUMO

A organização e participação dos encontros e maratonas de desenho em Goiânia conduziu aos estudos sobre o ato de desenhar ao ar livre, o ensino-aprendizagem, perfil dos participantes, os materiais artísticos usados e a relação dos membros com os encontros na capital goiana e no Brasil. As pesquisas bibliográficas de COLI (1995), FREIRE (1996) BARBOSA (2008) e CHING (2012) ampliaram e nos direcionaram, no ensino da arte, para a tríade interativa e abordagem triangular. Agregamos pesquisas de campo para embasar e justificar a importância dos encontros pelo seu acréscimo no ensino-aprendizagem para as comunidades acadêmicas particulares e públicas e toda sociedade goiana, conseqüentemente a brasileira. Enfim toda a coletividade que envolve os encontros e maratonas por fomentar a arte brasileira.

Palavras-chave: Ensino. Artes. Encontros. Desenho. Materiais.

Introdução

A aparição dos encontros e maratonas de desenho, no Brasil, nos últimos anos do século XXI, são objeto de estudo para incentivo, registro e contribuição ao ensino de arte, tanto sobre as técnicas e procedimentos de desenhar, como para as comunidades acadêmicas públicas e privadas e para sociedade em geral.

A busca consiste na reunião de informações sobre o desenho ao ar livre, sobre os encontros, e sobre ter respostas de algumas questões como:

- O que são os encontros e maratonas de desenho?
- Existiram no passado? Quando surgiram?
- Qual o perfil dos participantes? Quais materiais mais usados por eles?
- Qual o resultado dos encontros, principalmente para o ensino de arte, em especial ao ato de desenhar?

É necessário falar do ensino de arte para saber se realmente acrescenta aos seus participantes algum aprendizado e por quais meios. Perceber como vem ocorrendo a vivência nos encontros e pesquisar se há os processos tríade interativa e a abordagem triangular.

Continuidade ao legado do Paulo Freire:

¹Graduada em design de interiores e paisagismo, atuante no ensino de artes e organizadora do *Sketchcrawl* Maratona de desenho mundial em Goiânia.

Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou sua construção. (Paulo Freire, 1996, p. 47)

Os objetivos propostos serão alcançados através de meio metodológico, pesquisa bibliográfica, teórica e de campo, ao analisar a literatura e artigos científicos publicados no meio eletrônico e vivenciar os encontros mencionados.

Transcorrerá sustentado nos autores estudados, e principalmente COLI (1995), FREIRE (1996), DAMATTA (1997), BARBOSA (2008) e CHING (2012).

Desenvolvimento

O homem inicia o seu ato de desenhar nas cavernas, cujo feito persiste nos nossos dias, porém em contextos diferentes de acordo com cada região e cidade. Ao desenhar o espaço em que habita, o observador faz o desenho ao ar livre, ou desenho *in loco*, um registro em croqui com a liberdade de se deslocar, cuja escolha é livre e faz parte do processo de criação e torna-se o resultado artístico, logo “O desenho de observação *in loco* é um método clássico de desenvolver a coordenação entre olho, mente e mão” (CHING, 2012, p.6). Numa tríade interativa de ver, imaginar e representar “O ato de desenhar é um processo dinâmico e criativo.” (CHING, 2012, p 4), o que proporciona a continuidade do estudo no ato de desenhar.

O hábito de desenhar nas folhas, com o tempo, torna-se muito mais tradicional nos cadernos e vem de muitos séculos dos ateliês e das expedições navais, cujo o ofício de desenhar decorre dos artistas plásticos, ilustradores científicos, artesões em geral, militares navais, arquitetos, arte-educadores e admiradores. O caderno recebeu diversos nomes, como diário de viagem, caderno de viagem, diário gráfico ou caderno de rascunhos (*sketchbook*). Inúmeros artistas tiveram os seus cadernos como, por exemplo, Leonardo Da Vinci, Albrech Dürer, Giovannino de Grassi, William Turner, Eugène Delacroix, Edgar Degas, Paul Gauguim, Van Gogh, Henri Matissi, Pablo Picasso, Marc Chagall, William Morris, Frida Kahlo e muitos outros.

Somente a partir da escola de *Barbizon*, e com os impressionistas, que os artistas saem do ateliê levando consigo os cadernos sem ter a preocupação com um desenho estruturado, mas privilegiam o gesto espontâneo, passam a trabalhar ao ar

livre, diante do motivo para estudar a luz sobre os volumes. (COLI,1995, pag. 33; GROWE, 2001, p. 9, 29 e 35).

Após inúmeros movimentos artísticos na história mundial, chegamos ao início do século XXI e temos dois grupos que se destacam e tem um alcance mundial. O primeiro é o *Sketchcrawl World Wide*, maratona de desenho mundial e o segundo grupo é o *Urban Sketchers*. Ambos unem as pessoas afim de desenhar num encontro como uma atividade aberta à comunidade, extensa, fora e sem vínculo com as escolas públicas e particulares, faculdades e universidades públicas ou particulares, ao alcance de todos os níveis.

O primeiro encontro mundial foi em 21 de novembro de 2004, em São Francisco, Califórnia, no Estados Unidos foi fundado pelo artista de *storyboard* da *Pixar Animation Studios* Enrico Casarosa. Em conjunto com os organizadores, Ronnie del Carmen, inspirado noutro evento, propôs a todos tirar um dia para desenhar mundialmente, logo cria o *Sketchcrawl*. O alcance mundial é devido a internet com a existência do site com calendário para disponibilizar a data do encontro a cada 3 meses. Incentivam a todos a desenhar sem se ater a regras, não se exige habilidades artísticas.

O segundo grupo de encontro de desenho iniciou com Gabriel Campanario, jornalista espanhol, que mora no Estados Unidos. Ao observar inúmeras postagens na internet de desenhos de observação de locação, em 2008, criou e reuniu todos num blog e, assim, surgiu o *Urban Sketchers*, sem fins lucrativos. O crescimento mundial repercutiu em mais de 50 blogs regionais na internet, o que concentrou um número maior de pessoas em encontros regionais e internacionais conhecidos como Simpósios.

Retornamos a história na época do Brasil império, no nordeste, época em que são apresentados os primeiros desenhos de paisagens locais com os artistas barrocos holandeses. Seguido da Missão Artística Francesa ao Brasil, no Rio de Janeiro com tradição neoclássica e início do ensino das artes visuais, cujo os principais artistas foram Nicolas Antoine Taunay e Jean-Baptiste Debret, também como correspondentes. A passagem da pintura realista se deu indicada pelo Grupo Grimm, que acompanharam a transição do Império para a República, “*cuja principal característica foi o exercício da pintura ao ar livre, com o abandono da cópia dos antigos modelos e das vinculações aos gêneros históricos*” (COELHO, 2004, p. 167).

Século, após século, inúmeros movimentos artísticos aconteceram no Brasil, mas o primeiro grupo de *Sketchcrawl* Brasil foi realizado no dia 10 de janeiro de 2009. Organizado pelo ilustrador Montalvo Machado de São Paulo, contou com a participação de pessoas de Florianópolis, Rio de Janeiro, Fortaleza, Minas Gerais e Goiânia. O segundo grupo de encontros, *Urban Sketchers* Brasil, oficialmente ocorreu em São Paulo, no dia 14 de agosto de 2011, e teve como organizadores Juliana Russo, João Pinheiro e Eduardo Bajzek. O evento acontece em várias cidades brasileiras.

Goiânia, capital do estado de Goiás, situada no centro-oeste da região brasileira, destaca-se por ter o acervo arquitetônico e urbanístico de Art Déco. A capital ingressa aos encontros graças ao Coletivo *Fake Fake* com primeiro *Sketchcrawl* em 2009. Anos depois, em abril de 2013 a autora do artigo, animada pelo professor arquiteto Eduardo Bajzek, organiza os encontros a partir do 39º *Sketchcrawl* (ordem numérica e data, segundo site do idealizador). Num destes compareceu o professor arquiteto Fernando Simon, e forma o grupo de encontro *Urban Sketchers* Goiânia, com início em outubro de 2014.

A ocorrência dos dois eventos na capital motivou o presente estudo, e as duas pesquisas. Cada pesquisa foi dividida em duas partes: a primeira parte é referente ao perfil dos participantes, tanto na capital goiana, quanto no Brasil; a segunda parte sobre a relação dos participantes com os encontros como, por exemplo, sobre os materiais e técnicas usadas.

A primeira pesquisa de campo foi presencial e aconteceu durante o 48º *Sketchcrawl* - Maratona de Desenho Mundial em Goiânia. Na praça Wilson Valente, setor Sul, no sábado dia 25 de julho de 2015, período matutino com duração de 3 horas, das oito e trinta horas às onze e trinta horas. Os dados resultaram da entrevista com doze pessoas. O perfil dos integrantes em gêneros foi de 41,7% de homens e 58,3% de mulheres. Nenhum participante com a faixa etária de menos de sete anos, com presentes 8,3% dos 8 a 13 anos, zero de 14 a 17 anos, 16,7% dos 18 a 24 anos, zero dos 25 a 34 anos, 33,3 % de 35 a 44 anos, 16,7 % de 45 a 54 anos, 8,3 % de 55 a 64 anos e 16,7 % mais de 65 anos. Em relação a escolaridade dos participantes, nenhum sem instrução ou doutorado, enquanto no ensino fundamental 8,3%, do médio 16,7%, superior incompleto 25%, superior completo 8,3%, pós-graduação especialização 16,7% e com mestrado 25%.

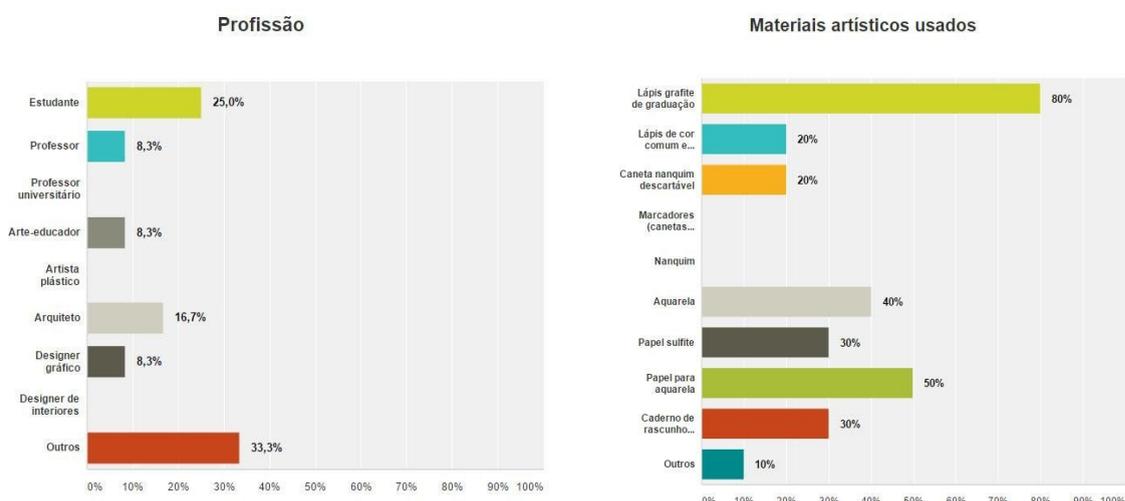


Figura 1 e 2 – fonte da autora

Na atuação profissional a porcentagem maior para outros, em que 33,3% atuam como policial militar, maquiadora e aposentados. Quanto a divulgação, souberam do encontro, mas não foi pela família ou site, e sim de amigo 25%, e-mail 16,7% e redes sociais 58,3%. Os participantes optaram que ocorresse no período matutino com 91,7%, vespertino 8,3% e não querem no período noturno. A duração do evento é preferido por um total de três horas 91,7%, e cinco horas por 8,3%, mas sem interesse que dure mais de quatro, seis ou oito horas. Quantidade de participação em nenhum encontro de 16,7%, participaram uma vez 58,3% e mais de um encontro 25%. Os entrevistados gostaram do local escolhido e pensam em participar do próximo encontro. Relativo aos materiais artísticos (figura 2), o de maior uso foi o lápis grafite de graduação com 80% e o uso como suporte o papel para aquarela com 50%.

A segunda pesquisa foi aberta aos participantes em forma digital e divulgada na rede social *Facebook* nos respectivos grupos do *SketchCrawl* e *SketchCrawl* de Santos, *Urban Sketchers* Brasil, Brasília, Goiânia, Maranhão, Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Croquis Urbano Bahia, Blumenau, Campo Grande, Fortaleza, Londrina e Croquiseiros Urbanos Paraná. Responderam voluntariamente sessenta pessoas, do dia vinte e sete de julho ao dia oito de setembro de dois mil e quinze.

Dentre eles são participantes 76,7%, organizadores 20% e ex-organizadores 3%. Os gêneros foram de 45% de homens e 55% de mulheres. A faixa etária foi de zero de menos de sete anos, dos 8 a 13 anos, e de 14 a 17 anos, enquanto 13,3% dos 18 a 24 anos, 21,7% dos 25 a 34 anos, 15% de 35 a 44 anos, 35% de 45 a 54

anos, 11,7% de 55 a 64 anos e 3,3% mais de 65 anos. A escolaridade dos participantes foi zero por cento sem instrução e ensino fundamental, enquanto ensino médio 1,7%, superior incompleto 20%, superior completo 26,7%, pós-graduação especialização 35%, mestrado 11,7% e com doutorado 5%.

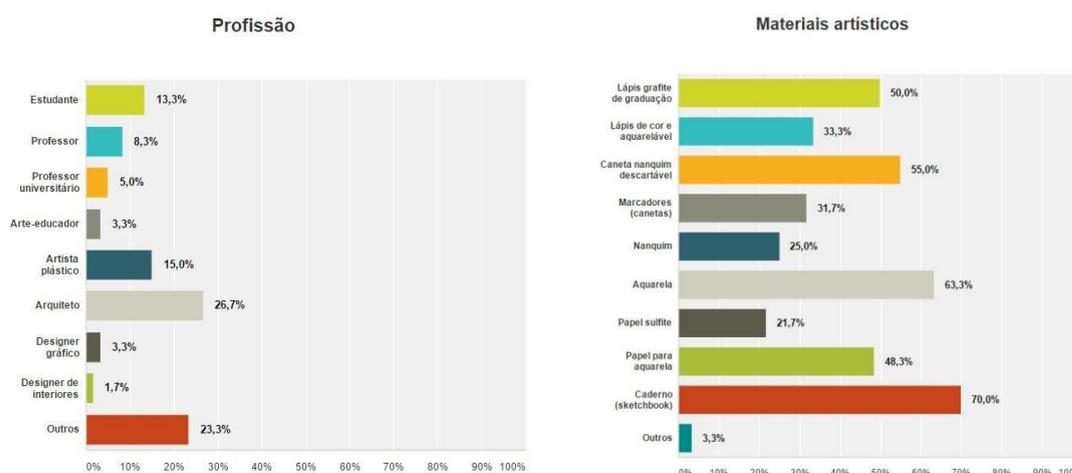


Figura 3 e 4 – fonte da autora

Na atuação profissional chamou atenção o item outros, onde 23,3% atuam profissionalmente diferente das mencionadas, como ilustrador, ilustrador científico, engenheiro civil aposentado, designer de figurinos, arquiteto paisagista, advogada, *coach*, analista de sistemas, médica, administradora, funcionários públicos e maquiadora. Souberam do encontro através dos amigos 41,7%, família 1,7%, site 18,3%, e-mail 6,7% e redes sociais 61,7%, e outros 6,7%.

Os entrevistados participam do encontro em Araraquara - SP 1,7%, Brasília – DF 3,3%, Curitiba – PR 11,7%, Goiânia – GO 11,7%, Londrina – PR 3,3%, Maceió – AL 3,3%, Paraty – RJ 1,3%, Pato Branco – PR 6,7%, Ponta Grossa – PR 3,3%, Rio de Janeiro – RJ 5%, São Carlos – SP 1,7%, São Luís – MA 3,3% e São Paulo – SP 50%. Dos locais escolhidos 94,9% gostaram, mais ou menos 5,1% e zero para não gostaram. Preferem no período matutino com 70%, vespertino 30% e ninguém prefere período noturno. Elegem a duração por um total de quatro horas 41,6%, de três horas 50%, seis horas 6,6%, e oito horas apenas 1,6%, e ninguém optou por 5 horas.

Desenhos produzidos no encontro foram: com apenas nenhum 1,7%, um desenho 58,3% e mais de um 40%. Em relação a participação no encontro, 3,3% responderam a opção nenhum, participaram uma vez 21,7,3% e mais de um encontro 75%. Participariam do próximo encontro 98,3% disseram que sim e apenas

1,7% não. Quanto aos materiais artísticos (ver figura 4) o de maior uso foi aquarela com 67%, e como suporte caderno de rascunho (*sketchbook*) com 68% pelos participantes. Um material em destaque são os marcadores (canetas) por serem usados por 31,7% dos entrevistados. Referente a ida aos encontros internacionais temos 70% que nunca participaram de um Simpósio, 26,7% participaram de um e 3,3% mais de um simpósio.

As perguntas abertas foram prontamente respondidas. Em relação aos pontos negativos do encontro foram observado os seguintes pontos: exigência de tempo para organização, pouca divulgação, a ausência de participantes confirmados, local escolhido distante, a não realização no restante do país, pouca interação por vaidade ou timidez, pouco tempo para desenhar, falta de segurança, espaço público descuidado, poluição sonora, condições climáticas (sol ou chuva), esquecimento de material, apesar da liberdade de levar proteção e acessórios, como por exemplo um banco portátil.

Os pontos positivos do encontro foram o ato de desenhar, retorno ao mesmo, compartilhar durante e depois na internet, disciplina, evolução, troca de experiência, a oportunidade de reconhecer a cidade, os olhares diferentes, novas técnicas, novos desafios e amizades, relacionamento interpessoal, conhecer e conversar com as pessoas com interesses afins, experiência, integração dos experientes e não tanto, diversidade, companheirismo, fomento da arte. Referente a contribuição no ensino de arte foram os mesmos dos pontos positivos mencionados, com acréscimo do fato de terem resolvido aprender a desenhar, terem desenvolvido um refinamento do olhar, percepção visual, melhora na capacidade gráfica, soltar o traço, agilidade, técnicas de expressão, saída da zona de conforto, abriram oportunidades, opinião dos colegas, fazendo e aprendendo.

As respostas nos remete ao

O descompromisso da arte com a rigidez dos julgamentos que se limitam ao decidir o que é certo e o que é errado estimula o comportamento exploratório, válvula propulsora do desejo de aprendizagem. Por meio da arte, é possível desenvolver a percepção e imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, COUTINHO, 2008, p. 21).

A contribuição em especial ao ato de desenhar, em que todos os envolvidos realizam de forma similar a Abordagem Triangular, de Ana Barbosa, que é “A

proposta indica três ações: ler, fazer e contextualizar. Porém não indica uma ordem, o que pode nos levar a uma aparente desordem!” o que deixa claro que “*este princípio de leitura está mais próximo da ideia de interpretação cultural e a ação contextualizadora está intrinsecamente relacionada ao ato de ler, ouvir... perceber e significar o mundo*” (BARBOSA, COUTINHO, 2011, p.51), assim praticam o fazer (o ato de desenhar), a leitura (leitura dos desenhos) e a contextualização (ensino da arte com as outras áreas) vivenciam a continuidade da análise da produção no local do encontro e com as fotos na internet, em que são observadas, comentadas e livremente compartilhada entre todos mundialmente, e a qualquer momento nos blogs, redes sociais e sites.

Ao desenhar *in loco* confirmamos que no Brasil

O espaço da rua, repito, é marcado pela história e pela ideia de progresso com sua implacável linearidade. Nele somos sempre seres de uma temporalidade transformadora e pública, um tempo de somas e acumulações sociais que contrasta, sem que tenhamos consciência, com o universo de duração da casa. (DAMATTA, 1997, p.151).

O contato do cidadão com a cidade em que vive, se anteriormente era de pessoa que tão somente circula, com os encontros torna-se um observador para poder desenhá-la, havendo, assim, a conscientização da história da arquitetura, de como as autoridades responsáveis estão atuando, ou não, na manutenção das praças, dos parques, do paisagismo, da parte histórica e arquitetônica da sua cidade.

Os encontros somaram mais com os Simpósios Internacionais de Urban Sketchers, organização do Urban Sketchers. Inspirado no evento pioneiro na Espanha, *workshop* de verão formado pela professora de desenho artístico Clara Marta, da Escola Superior de Design de Aragón. Acontece, em três dias de atividades, com instrutores e/ou autores renomados, como por exemplo o próprio Gabriel Campanario e o renomado Frank Ching. O primeiro foi nos EUA (2010) contando com a colaboração do Enrico Casarosa, coincidindo com 28º Sketchcrawl Mundial, depois Portugal (2011), República Dominicana (2012), Espanha (2013), Brasil (2014), e último Singapura (2015). Destacamos o 5º Simpósio sucedido em Paraty - RJ, com 250 participantes do Brasil e do mundo todo. Conteúdo tradicional no ensino de desenho *in loco* do básico ao avançado, alguns são repassados para

os demais não presentes, como por exemplo as oficinas do Eduardo Bajzek, Fernanda Vaz Campos e Ana Rafful.

Outra contribuição ao ensino e a divulgação dos encontros de desenho, são exposições dos participantes abertos a comunidades em algumas cidades brasileiras, como Curitiba – PR, e São Luís do Maranhão. E através dos livros, por exemplo, o livro do Thomas Thorspecken - *Urban Sketching, guia completo de técnicas de desenho urbano*, com tradução para português. Também existem arquivos gratuitos disponíveis no grupo de Urban Sketchers de Salvador administrado pelo professor arquiteto André Lissonger, acessível aos interessados por aprendizado e até mesmo aperfeiçoamento.

Considerações finais

A busca de informações sobre os encontros e maratonas de desenho ao ar livre proporcionou uma riqueza de conhecimento e estímulo ao ensino de arte. A existência dos encontros no passado mostra a similaridade com os atuais no prazer de desenhar e seus objetivos, mas agora vai além das comunidades acadêmicas, dos profissionais por motivo de encomenda. Soma atualmente a alegria da vivência, conhecer e conviver com pessoas amantes do ato de desenhar, uma vez que o encontro está aberto para sociedade goiana e brasileira. Ampliou a compreensão sobre o ato de desenhar na tríade interativa e a existência dos grupos do passado tanto na Europa, como no Brasil.

No questionário, constatamos a gratificante participação de outros profissionais frequentando os encontros, tanto em Goiânia, como noutras cidades brasileiras. Os materiais artísticos tradicionais e suportes, se mantem em uso em pleno século XXI, mas consta a popularidade dos marcadores importados, como vimos nas respostas dos participantes brasileiros. Fundamentamos a prática espontânea da abordagem triangular que estimula a busca de mais estudos e conhecimento do ato de desenhar, sobre os materiais artísticos, seja pela novidade ou o seu uso, o que fomentam a arte local.

Os encontros de desenho transitaram um amadurecimento para o formato de Simpósios Internacionais. Uma ampliação maior de conhecimento com resultado positivo, mas com pequeno retorno aos participantes dos encontros regionais, sem deixar de ser importante. Visível entrosamento da comunidade acadêmica com

peças de demais escolaridade, logo estimulam a integração e a divulgação dos encontros, exposições e workshops. Valoriza e capta mais no ensino da arte, o que retorna para a sociedade e a cultura goiana e todo o Brasil.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae; Coutinho, Rejane Galvão (orgs.). *Arte Educação como mediação cultural e social*. UNESP, São Paulo, 2008.

BARBOSA, Ana Mae; Coutinho, Rejane Galvão. *Ensino da arte no Brasil: Aspectos históricos e metodológicos*. UNESP, São Paulo, 2011.

CASAROSA, Enrico. *Sketchcrawl*. Disponível em: <<http://www.sketchcrawl.com>>. Acesso em 17 de jul. de 2015.

CHING, Francis D. K. Juroszek, Steven P. *Desenho para arquitetos – 2ª edição* Porto Alegre Bookman Editora, 2012.

COELHO, Mário César. *Artistas viajantes e acadêmicos*. Esboços - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, Florianópolis, v. 11, n. 12, p. p. 165-171, jan. 2004. ISSN 2175-7976. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/447/9907>>. Acesso em: 03 Jul. 2015.

COLI, Jorge. *O que é Arte*. 15ª ed. Editora Brasiliense, São Paulo – SP, 1995.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua – Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5ª edição, Editora Rocco, Rio de Janeiro - RJ, 1997.

_____. *Goiânia art déco: acervo arquitetônico e urbanístico – dossiê de tombamento*. Goiânia: Instituto Casa Brasil de Cultura, 2010.

GROWE, Bernd – *Edgar Degas 1834 – 1917*. Editora Taschen, 2001.

_____. *The 5th Internacional Urban Sketching Symposium Paraty, Brazil*. Disponível em: <<http://paraty2014.urbansketchers.org>>. Acesso em 05 de set. de 2015.

THORSPECKEN, Thomas - *Urban Sketching, guia completo de técnicas de desenho urbano*; [tradução Alexandre Salvaterra]. Editora Gustavo Gili, São Paulo, 2014.

_____. *Urban Sketchers Brasil*. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org>>. Acesso em 09 de ago. de 2015.

_____. *Urban Sketchers. Symposium Portal*. Disponível em: <<http://symposium.urbansketchers.org/>>. Acesso em 05 de set. de 2015.